ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO Nº 59

MARÇO DE 2009

ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

Rua dos Ilhéus, 118 sobreloja 9 - Ed. Jorge Daux
CEP 88.010-560 - Florianópolis - SC
Fone/fax: (48)3222-2748

A **AFSC**, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/09/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

A **AFSC** é filiada à **FEFINUSC** - Federação Filatélica e Numismática de Santa Catarina, à **FEBRAF** - Federação Brasileira de Filatelia e à **FEFIBRA** - Federação dos Filatelistas do Brasil.

EDITORIAL

2009 será um ano de muita movimentação no mundo do colecionismo brasileiro, especialmente em Santa Catarina, onde temos programados cinco encontros de Filatelistas e Numismatas, respectivamente em Joinville (março), Itajaí (maio), Timbó (junho), Florianópolis (agosto) e Blumenau (setembro).
A AFSC traz com satisfação este boletim SANTA CATARINA FILATÉLICA número 59, com matérias dirigidas a numismatas, filatelistas e cartofilistas. Estreia como articulista Diego Salcedo, colaborador pernambucano, a quem agradecemos. Ao mesmo tempo, reiteramos nosso convite para que você, colecionador, envie-nos suas anotações para publicação, dinamizando e engrandecendo assim o nosso Boletim semestral.
Temos feito esforços para estimular o colecionismo em geral. Por exemplo, você pode ler este e vários números anteriores (acrescentados gradativamente) do nosso boletim nas páginas do site da AFSC, na internet. Criamos também páginas dedicadas a "exposições virtuais permanentes" para a Filatelia UM QUADRO e para a Cartofilia. Lançamos neste mês de março o nosso primeiro Boletim exclusivamente no formato PDF (veja informação na página 16). Planejamos ainda mais atividades para 2009.
PARTICIPE!

A Diretoria

ÍNDICE GERAL

D. Pedro II no meio circulante

Márcio Roveri Sandoval - Florianópolis, SC

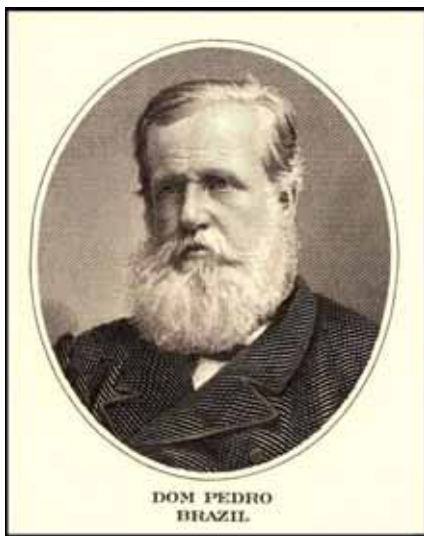



Figura 1 - Vinheta de D. Pedro II impressa pela American Bank Note Company (ABNCo.), gravura utilizada pela primeira vez na cédula de 100 mil réis de 1877 (5º Estampa do Tesouro Nacional), s/d.

I – Um pouco de história

Conta-se que quando D. Pedro II, em seu exílio em Paris, ao preencher a ficha de inscrição da Biblioteca, o fez com grande hesitação, eis que ficara embaraçado em colocar o seu nome completo, *Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança e Habsburgo*, assinando simplesmente Pedro de Alcântara.

Lenda ou verdade, o fato é que D. Pedro II foi um monarca superlativo não apenas em seu extenso nome.

O Imperador nasceu no Rio de Janeiro (Paço de São Cristovão), em 2 de dezembro de 1825 e faleceu em Paris, em 5 de dezembro de 1891.

D. Pedro II foi o sétimo filho de D. Pedro I e da Arquiduquesa Leopoldina da Áustria.

As imagens do Imperador são muitas: fotos, gravuras, esculturas, mormente no Meio Circulante.

.

II – As cédulas que retrataram o Imperador

A primeira cédula que veio a retratar o Imperador D. Pedro II foi emitida, em 1835, pelo Tesouro Nacional e tinha o valor de 10$000 (dez mil réis).Trata-se da efígie do Imperador menino, quando tinha em torno de 10 anos. Essas cédulas foram impressas na Inglaterra pela empresa *Perkins Bacon & Petch*, a mesma que imprimiu o Penny Black, o primeiro selo postal. Realizamos a classificação das imagens e encontramos 10 tipos diferentes. Além das diferentes imagens, podem ter ocorrido variações nas chapas de impressão difíceis de serem identificadas, tendo-se em vista a escassez das cédulas do padrão mil-réis.

A imagem mais tradicional associada ao Imperador aparece nas cédulas impressas pela *American Bank Note Company* (ABNCo.), começando pela cédula de 100$000 réis (100 mil réis) de 1877, da 5ª Estampa do Tesouro Nacional (cuja vinheta aparece no início desta matéria). Essa gravura do Imperador foi reproduzida em 17 estampas do Tesouro Nacional no período imperial e 4 vezes no período republicano (1 bilhete do Banco do Brasil e 3 cédulas do Tesouro Nacional, sendo que uma delas foi aproveitada pelo Banco Central para emissão em cruzeiros novos).

A última cédula em que o Imperador aparece é a de Cr$ 10,00 (dez cruzeiros), emitida em 1970 e que saiu de circulação em 1984.

A seguir apresentamos a nossa classificação das cédulas que retrataram o Imperador. Constam o valor da cédula, seguido das datas de emissão e de recolhimento (entre parênteses), a estampa e a empresa que realizou a impressão: PB&P. (Perkins Bacon & Petch) ou PB&Co. (Perkins Bacon & Company), ABNCo. (American Bank Note Company), TDLR (Thomas de La Rue) e CMB (Casa da Moeda do Brasil); em seguida, temos a indicação do número da cédula, por Julius Meili, Violo Idolo Lissa ou Banco Central, as dimensões, a menção sobre a efígie utilizada de D. Pedro II e, finalmente, a quantidade de cédulas impressas e recolhidas. Os dados são baseados em Julius Meili, que, por sua vez, valeu-se de um manuscrito de autoria de Miguel Archanjo Galvão (Diretor da antiga Caixa de Amortização).

III – Classificação das cédulas - D. Pedro II no Meio Circulante

A - Cédulas do Tesouro Nacional (1835-1920)

1. 10$000 réis (1835-1845) 1ª Est. PB&P.
JM, 108*, 109, 110 e †110b. (185mm X 115mm)
Efígie de D. Pedro II menino (tipo 1) quant.: 696.186 (1.634)

2. 20$000 réis (1841-1848) 2ª Est. PB&P.
JM, 131, 132 e 133. (195 mm X 117 mm)
Efígie de D. Pedro II menino (tipo 1) quant.: 299.999 (1.803)

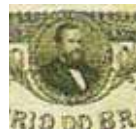
3. 50$000 réis (1848-1861) 3ª Est. PB&P.
JM, 155* e 156*. (195 mm X 115 mm)
Efígie de D. Pedro II jovem (tipo 2) quant.: 129.979 (448)

4. 5$000 réis (1860-1868) 5ª Est. PB&Co.
JM, 181. (180 mm X 100 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 3) quant.: 3.200.000 (29.998)

5. 1$000 réis (1866-1878) 4ª Est. PB&Co.
JM, 161 e †162. (187 mm X 100 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 3) quant.: 4.000.000 (257.414)

6. 20$000 réis (1867-1885) 5ª Est. PB&Co.
JM, 183, 184 e †185. (195 mm X 113 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 4) quant.: 500.000 (1.717)

7. 200$000 réis (1867-1881) 4ª Est. PB&Co.
JM, 179. (210 mm X 135 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 4) quant.: 180.000 (1.018)

8. 10$000 réis (1868-1885) 5ª Est. PB&Co.
JM, 182. (188 mm X 125 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 5) quant.: 500.000 (7.246)

9. 5$000 réis (1869-1889) 7ª Est. ABNCo.
JM, 204 e 205. (178 mm X 70 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 6) quant.: 4.500.000 (89.090)

10. 10$000 réis (1869-1889) 6ª Est. CABB.
JM, 200, †200[b]. (197mm X 83 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 7) quant.: 3.500.000 (29.703)

11. 1$000 réis (1870-1894) 5ª Est. ABNCo.
JM, 188. (168 mm X 72 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 6) quant.: 6.000.000 (509.731)

12. 2$000 réis (1870-1889) 5ª Est. ABNCo.
JM, 189 e 190. (170 mm X 75 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 6) quant.: 6.000.000 (231.818)

13. $500 réis (1874-1910) 1ª Est. ABNCo.
JM, LF1. (165 mm X 75 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 8) quant.: 6.000.000 (?)

14. 50$000 réis (1874-1894) 5ª Est. ABNCo.
JM, 191 e †192. (195 mm X 82 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 6) quant.: 1.200.000 (3.805)

15. 100$000 réis (1877-1901) 5ª Est. ABNCo.
JM, 193, 194 e 195*. (195 mm X 90 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9) quant.: 1.250.000 (1.549)

16. 200$000 réis (1878-1902) 5ª Est. ABNCo.
JM, 196 e 197. (202mm X 102 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9) quant.: 400.000 (1.234)

17. 1$000 réis (1879-1920) 6ª Est. ABNCo.
JM, LF 7. (170 mm X 74 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a*) quant.: 7.000.000

(*) Acreditamos tratar-se da mesma gravura, apenas com a inversão da imagem.

18. $500 réis (1880-1910) 2ª Est. ABNCo.
JM, LF 2 e 3. (165 mm X 75 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.:8.000.000

19. 20$000 réis (1880-1905) 7ª Est. ABNCo.
JM, LF 17. (195 mm X 85 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.:1.000.000

20. 2$000 réis (1882-1920) 6ª Est. ABNCo.
JM, LF 8 e 9. (170 mm X 75 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.:4.000.000

21. 5$000 réis (1883-1920) 8ª Est. ABNCo.
JM, LF 34. (178 mm X 70 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 3.000.000

22. 10$000 réis (1883-1891) 7ª Est. ABNCo.
JM, 206 e 207. (194 mm X 85 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 2.089.000 (12.164)

(*) Em relação à quantidade de cédulas emitidas, esses números podem estar incorretos, eis que foram catalogadas cédulas da 21ª Estampa. No entanto, não foram indicadas as fontes.

23. 500$000 réis (1885-1905) 5ª Est. ABNCo.
JM, LF 6 RR. (207 mm X 110 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 50.000

24. 2$000 réis (1887-1920) 7ª Est. ABNCo.
JM, LF 16. (165 mm X 72 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 2.000.000

25. 5$000 réis (1888-1920) 9ª Est. ABNCo.
JM, LF 44. (178 mm X 70 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a). quant.:2.000.000

26. 10$000 réis (1888-1922) 8ª Est. ABNCo.
JM, LF 35. (197 mm X 87 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 3.600.000

27. 20$000 réis (1888-1907) 8ª Est. ABNCo.
JM, LF 38. (198 mm X 87 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 1.600.000

28. 2$000 réis (1889-1920) 8ª Est. ABNCo.
JM, LF 29. (165 mm X 74 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 1.000.000

29. 50$000 réis (1889-1905) 6ª Est. ABNCo.
JM, LF 10. (197 mm X 85 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 1.000.000

30. 200$000 réis (1889-1905) 6ª Est. ABNCo.
JM, LF 11. (200 mm X 100 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9) quant.: 500.000

31. 1$000 réis (1889-1920) 7ª Est. ABNCo.
JM, LF 13. (165 mm X 75 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9) quant.: 1.000.000

B - Bilhetes do Banco do Brasil (1923-1930)

32. 200$000 réis (1923-1930) 1ª Est. ABNCo.
Lissa, 672. (169 mm X 79 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 1.200.000

C - Cédulas do Tesouro Nacional - padrão Cruzeiro (1943-1968)

33. 100,00 cruzeiros (1943-1968) 1ª Est. ABNCo.
Lissa, 694. (157 mm X 67 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 156.000.000

34. 100,00 cruzeiros (1949-1968) 2ª Est.TDLR.
Lissa, 705. (157 mm X 67 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 41.500.000

D - Cédulas do Banco Central aproveitadas do Tesouro Nacional - padrão Cruzeiro Novo (1967-1972)

35. 0,10 centavos (1967-1972)
Aprov. TN 2ª Est.TDLR., BCc 05-BA1a e 1b.
(157 mm X 67 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 9a) quant.: 151.500.000

E - Cédulas do Banco Central - padrão Cruzeiro (1970-1984)

36. 10,00 cruzeiros (1970-1984) 1ª família CMB
BCc 12-AA1 e AA2 e 12-BA1, BA2 e BA3.
(157 mm X 72 mm)
Efígie de D. Pedro II (tipo 10) quant.: 1.287.600.000

IV – Outras estampas que retrataram o Imperador

Existem muitas imagens do Imperador e aqui constam algumas que falam de perto à numismática, vejamos:

Figura 2 - Vinheta com D. Pedro II ao centro (PETRUS - II - IMP - AVG). Impressa pela Perkins & Bacon, de autoria de A. J. Waudby, Fecit. s/d.

Figura 3 - Specimen da cédula de 5 Pesos da American Bank Note Company (ABNCo.), para o Banco da "Republica de Y Mexico", cerca de 1889, com efígie de D. Pedro II (tipo 9a).

Esse *specimen* foi veiculado na internet, no site do Banco do México, na página que trazia a história do Banco. A imagem é, sem dúvida, a do Imperador D. Pedro II. Mas por quê? A resposta nos parece simples - houve um erro. O banco em questão é « El Banco de Londres y México », um banco emissor privado mexicano. No modelo apresentado na página do banco, temos dois erros: o primeiro é a efígie do Imperador do Brasil e o segundo, o nome do banco. Os erros aconteceram na realização do modelo ou *specimen*, e foram reparados posteriormente.

A imagem impressa nas cédulas de 5 pesos do Banco de Londres e México (P.S233) foi a imagem de Pablo Benito Juarez. Vejamos:

Figura 4 - Specimen da cédula de 5 Pesos da American Bank Note Company (ABNCo.) para "El Banco de Londres y Mexico", pick S233 (1889-1913), com a efígie de Pablo Benito Juarez, a mesma cédula anterior, agora corrigida.

Como vimos, o Imperador D. Pedro II foi representado em nada menos que 36 estampas do Tesouro Nacional, do Banco do Brasil e do Banco Central. Além disso, a ABNCo., por engano, o colocou em um *specimen* para o Banco de Londres e México.

A imagem do Imperador é, sem dúvida, a que mais foi representada no nosso meio circulante. Ainda temos as moedas, as medalhas… que serão objeto de outros apontamentos.

Bibliografia comentada:

A principal fonte bibliográfica utilizada nesta matéria foi "A Moeda Fiduciária no Brazil, 1771 até 1900", que é a Terceira Parte da monumental obra de Julius Meili intitulada "O Meio Circulante no Brazil – 1897-1905". Essa terceira parte foi publicada em Zurique, em 1903. Existe uma reedição realizada pelo Senado Federal.

Podemos indicar como fonte primária o manuscrito do Conselheiro Galvão (Miguel Archanjo Galvão), que foi Diretor da antiga Caixa de Amortização, intitulado "Moeda Fiduciária do Brasil – Apontamentos para a sua história" de 1899, que foi utilizada por Julius Meili em seus apontamentos.

Fizemos uso, também, do excelente livro de Violo Idolo Lissa, intitulado "Catálogo do papel-moeda do Brasil. 1771-1986", 3ª edição, de 1987.

As fontes das imagens são várias, podendo ser citadas além da internet, a Iconografia do Meio Circulante, editada pelo Banco Central em 1972, coordenada por F. dos Santos Trigueiros, que é autor de Dinheiro no Brasil, cuja primeira edição é de 1966.

Em relação às séries (que podem dar uma idéia da quantidade de cédulas emitidas ou impressas), o Catálogo de Cédulas Brasileiras, de Cláudio Amato, é uma excelente fonte, com frequentes atualizações.

Para a classificação das cédulas emitidas pelo Banco Central, utilizamos os critérios apontados no livro “O Dinheiro Brasileiro desde a criação do Banco Central do Brasil 1964-1999”, editado pelo Banco Central em 1999.

As três últimas imagens foram captadas na internet, a primeira e a terceira em um site de leilões, e a segunda na página do Banco do México (que já foi modificada).

“Viva o Pataco!”

Lucia Milazzo - Florianópolis, SC

Louro, 1,90m, olhos azuis, órfão muito cedo, educado com rigidez para que pudesse se tornar um grande chefe de Estado, D. Pedro II ou, simplesmente, Pedro de Alcântara, era um homem comum, um apaixonado por seu país, pela vida, pela cultura, pelas artes e tinha lá seus pequenos prazeres, como a fotografia e os relatos minuciosos, em forma de diário, de suas viagens, que não foram poucas, pelo Brasil.

Por que “Viva o Pataco!”? 1881. Período de tensões políticas, revoltas, eleições e ideias republicanas afloradas. Pedro de Alcântara, sua mulher, comitiva, escravos e três jornalistas do Rio de Janeiro vão a Minas Gerais. O percurso é longo e acidentado: trem, liteiras, burros, cavalos e tombos. Mas valeu: Ouro Preto, Sabará, Barbacena, Lagoa Santa, as igrejas, Aleijadinho, tudo encantou D. Pedro II.

E o “Viva Pataco!”? Foi uma saudação feita ao Imperador, quando de sua passagem por Cataguazes, por “um admirador gaiato” e, talvez mais, por um também colecionador tenaz e ousado que logo associou a presença de D.Pedro II “à moeda de prata de dois mil-réis”.

Pois é, toda essa história para demonstrar que há muito tempo moedas e cédulas fazem a cabeça de muita gente.

Livro-fonte: perfis brasileiros - D. Pedro II, por José Murilo de Carvalho, Companhia das Letras, 2007.

Autógrafos em postais

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC

Os cartões-postais existem desde a segunda metade do século XIX. Certamente também os colecionadores de cartões-postais existem desde aquele século. Como meio de comunicação, a aceitação popular dos postais, especialmente no Brasil, foi grande. Há relatos de que, somente no ano de 1909, circularam pelos correios a expressiva quantidade de quinze milhões de cartões-postais, tendo naquela época o país uma população de vinte milhões de habitantes.

Nas coleções, era comum ver cartões-postais serem exibidos em álbuns, mantidos pelas famílias, o que perdurou até a segunda década do século XX, que exatamente por isso passou a ser conhecida como **idade de ouro da cartofilia**.

As coleções temáticas são bastante diversificadas na cartofilia. Um tema interessante é: Cartões-postais autografados.

Veja o que escreveu Josué Montello, ao organizar o Anedotário Geral da Academia Brasileira (Ed. Francisco Alves, 1980), que, escrevendo sobre um episódio do começo do século XX, destacou às fls. 60/61:

"Houve um tempo em que andaram em moda no Brasil os autógrafos em cartões-postais. A cada instante, na rua, nos salões, no teatro, em casa, na repartição pública, o escritor de fama ou o político em evidência era solicitado a escrever uma frase qualquer nesses cartões.

Artur Azevedo, de quem se disse que teria espírito mesmo escrevendo no Diário Oficial, deixou alguns lances felizes de sua jovialidade, ao ser solicitado a dar o seu autógrafo.

De uma feita, aborrecido com a insistência dos pedidos, eis que escreveu no postal que lhe entregaram:

Cartão-postal duplamente autografado, retratando os italianos Scipione Borghese, industrial e político, e o jornalista Luigi Barzini, preparando-se para vencer a corrida Pequim - Paris, em 1907.

Virgem Maria,
Isto é demais!
É noite e dia
Cartões-postais...

De outra feita é um jovem que deseja levar para a noiva, num cartão-postal, uma frase ou uns versos do mestre maranhense. E Artur, para aquiescer-lhe ao pedido, molha a pena no tinteiro, sem relutância. Mas surge um problema: não há espaço no cartão, todo ele tomado por uma figura de mulher opulentamente servida de vastos peitos. Por alguns momentos o escritor fica a procurar um claro onde escrever, sem prejudicar a figura. Por fim, decide-se: o único jeito é cobrir com sua letra espalhada e grossa os imensos peitos da matrona.
E escreve:

Desta senhora no peito
Minhas garatujas faço,
Não por falta de respeito,
Porém por falta de espaço...”

Portanto, agora que a organização “temática” dos cartões-postais se acha em franco desenvolvimento, podemos também começar a buscar aquelas peças “autografadas”.

O mercado de autógrafos movimenta cerca de 2 bilhões de dólares por ano nos Estados Unidos, de acordo com Steven Cyrkin, editor e publisher da revista Autograph, um dado impressionante. Ou seja, mercado tem, e muito. Temos assim uma nova motivação para a busca em postais, novos e antigos. Ora se um simples autógrafo pode custar verdadeira fortuna, a descoberta de um texto inédito de um dos grandes poetas valerá quanto?

Já comecei as buscas...

Cartão-postal autografado por Alexandre Volpi, italiano que veio para o Brasil aos 2 anos de idade e tornou-se brasileiro “de coração”. O quadro MULATA, pintado por Volpi em 1927, faz parte do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Exposições filatélicas em Santa Catarina

Milton Milazzo Jr - Florianópolis, SC

"A filatelia educa, instrui e diverte"
(J. J. Puls, co-fundador da Associação Filatélica de Joinville).

Exposições filatélicas são eventos sempre aguardados com muita ansiedade, por colecionadores e admiradores da filatelia. Em Santa Catarina, há muitas décadas, os diversos clubes e associações promovem tais exposições, o que engrandece o colecionismo em nosso estado. Numa rápida retrospectiva, encontramos:

BRAPEX - Exposição nacional - Já realizadas dez edições, em diversas cidades do Brasil. A V BRAPEX, em 1982, aconteceu em Blumenau.

SULBRAPEX - Exposição regional (São Paulo e região sul) - Já realizadas seis edições, entre 1949 e 2008. A III SULBRAPEX, em 1995, aconteceu em Florianópolis.

EXPOFIL - Exposição regional (Paraná e Santa Catarina) - Realizadas duas edições (1979 e 1981). A II EXPOFIL, em 1981, aconteceu em Brusque.

EXIFA - Entre tantas Exposições nacionais de Imprensa Filatélica, Blumenau sediou, em 1973, a EXIFA.

TEMÁTICAS **-** Entre várias Exposições dedicadas à Filatelia Temática, tivemos em Florianópolis, em 1963, a Exposição de Filatelia Temática de Santa Catarina.

PHILCAT - Exposição estadual - Já realizadas dez edições, entre 1955 e 1994. As cidades sede foram:
Florianópolis (1955, 1970, 1975, 1987 e 1994)
Joinville (1958 e 1974)
Brusque (1960)
Blumenau (1962)
Jaraguá do Sul (1991)

PHILCAT Juvenil - Realizada em Jaraguá do Sul, no ano de 1993.

EXPOSIÇÕES MUNICIPAIS - Há registros de diversas exposições, promovidas principalmente nas cidades de Brusque, Blumenau, Jaraguá do Sul, Itajaí e Florianópolis.

A mais recente exposição filatélica em nosso estado aconteceu em Florianópolis, de 28 de julho a 3 de agosto de 2008, como parte das comemorações dos 70 Anos de fundação da AFSC.

A FLORIPA 2008 teve caráter nacional, contando com a participação de coleções de diversos estados do Brasil, e também do Paraguai, Argentina e Portugal.

A AFSC lançou uma edição especial do seu Boletim Santa Catarina Filatélica, com setenta e cinco imagens colhidas durante a FLORIPA 2008. Esse número pode ser encontrado na internet, no site da AFSC.

Co-memorar: Tradição humana enquanto processo histórico

Diego Salcedo - Recife, PE

Agradeço o convite e a oportunidade cedida por este conceituado Boletim Filatélico, para publicar um ensaio referente à temática a que venho me dedicando. Assumo nos meus estudos e pensamentos que o ato de colecionar e as teorias das diversas e distintas áreas de conhecimento integram-se, de forma inter, multi e transdisciplinar, em contextos socias, culturais, econômicos, políticos e históricos variados e multi-facetados. Podemos perceber que essa "tese" é muito ampla. Por isso, vou focar o ensaio num pequeno aspecto que está inserido nessa ampla teoria e, por conseguinte, o título que dei ao texto será justificado.

O Início?
O surgimento do selo postal adesivo

Falar do advento do selo postal adesivo remete, necessariamente, à Inglaterra do século XIX. Local, segundo Hobsbawm de "*tradição inventada*, que se entende [por] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas"[1]. Uma dessas práticas ganha reforço, cita Hobsbawm, no "valor publicitário dos aniversários [...] oferecendo oportunidade para emissão de selos postais, a forma mais universal do simbolismo público, além do dinheiro"[2].

Nessa época, por volta de 1836, a Inglaterra passou por profundas transformações. Como impacto resultante da Revolução Industrial, a economia agrária passou a ser intensamente industrial. Destarte, a Rainha Vitória ascenderia ao trono de 1837 a 1901. Esse período marcou a hegemonia econômica inglesa. Período marcado por uma redução do poder do Estado, limitando sua atuação a setores bem específicos, dentre eles, o correio. Desde o final do século XVIII, acompanhando uma tendência geral dos reinos europeus, o governo inglês havia assumido o serviço postal, substituindo os particulares por uma administração estatal, própria. Em meados de 1830, esse país possuía um dos mais eficientes serviços postais já conhecidos. Grande parte disso resulta do investimento numa rede infra-estrutural muito bem integrada. Combinava estradas de terra, canais de navegação fluvial, ligações marítimas costeiras e as primeiras linhas férreas.

Era norma geral que as correspondências fossem pagas pelo destinatário e não pelo remetente, como hoje em dia. Foi nesse aspecto em particular que um cidadão londrino presenciou uma cena rotineira, que transformaria para sempre o sistema postal mundial. Sir Rowland Hill (1795-1879),

após o episódio, percebeu algumas vulnerabilidades do sistema postal inglês vigente. O alto custo dos serviços, constantemente motivo de reclamações da população, e a falta de garantia do Correio para receber as taxas devidas pelos usuários, depois de transportar a correspondência, foram os motivos principais que levaram esse professor aposentado a escrever um trabalho intitulado *Post Office Reform: its importance and practicability.* (Reforma Postal: sua importância e praticabilidade).

Sir Rowland Hill

Em 17 de agosto de 1839, o Parlamento inglês aprovou as sugestões de Hill, alegando que serviam ao progresso comercial e ao desenvolvimento das classes mais favorecidas. O selo postal adesivo surge, então, como resultado da proposta fundamental de se usar um pedaço de papel de tamanho suficiente para receber uma estampa, coberto na parte traseira com goma, que o portador poderia, aplicando um pouco de umidade, prender na parte posterior da carta. Na época de seu surgimento, até mesmo muito tempo depois, o mundo não estava preparado para ver no selo postal adesivo nada além de um timbre oficial de comprovação de pagamento de franquia postal, nada mais que lembrasse imediatamente senão uma moeda ou uma nota de banco.

Nessas ferramentas de discurso ideológico estavam impressas, por exemplo, a efígie do soberano reinante [nas monarquias] e de figuras alegóricas [nas repúblicas], as cifras indicadoras do valor de franquia, bureladas com linhas, florões e arabescos, para dificultar a contrafação do papel-moeda corrente. Assim, os primeiros selos postais adesivos do mundo têm como figuração, praticamente sem nenhuma exceção, um desses motivos iniciais: a efígie, o brasão e a cifra, ou a mistura deles. Os outros vieram bem depois, quando, aos poucos, o mundo foi se conscientizando de que esse pequenino pedaço de papel serviria para algo muito mais nobre do que simplesmente representar um atestado ou um recibo de pagamento prévio de serviço postal. Nesse sentido Almeida e Vasquez[3] afirmam que:

> Vale ressaltar que o pagamento antecipado da taxa postal não era uma novidade, e são conhecidas experiências nesse sentido desde o século XVII. A legislação brasileira, por exemplo, oferecia ao mandatário da carta a opção pelo pagamento antecipado do valor da

taxa quando fosse seu desejo isentar o destinatário da despesa, de acordo com o estabelecido no artigo 61 do Decreto de 5 de março de 1829. Nesse caso, as cartas eram assinaladas pela palavra "franca" escrita manualmente na face principal.

A Inglaterra, reproduzindo o perfil da cabeça da Rainha Vitória, a partir de uma medalha comemorativa, inaugura o tipo "efígie", com o *Penny Black* (valor facial de 1 *penny*, de cor preto) e o *Two Pence Blue* (valor facial de 2 *pence*, de cor azul), que entraram em circulação no dia 6 de maio de 1840. Esses são considerados os primeiros selos postais adesivos do mundo.

Seguindo uma tradição que perdura desde então, a Inglaterra é o único emissor de selos que não especifica seu nome por extenso na face do artefato. Apenas apresenta o perfil do soberano. Por outro lado, o restante dos países e entidades emissoras de selos postais deve especificar, por extenso, seus respectivos nomes, seguindo as normas internacionais estabelecidas nos congressos da União Postal Universal (UPU)[4], órgão não governamental, vinculado às Nações Unidas (ONU)[5].

Questões referentes à veracidade de alguns episódios não serão discutidas. Cabe afirmar que o advento do selo postal adesivo proporcionou uma racionalidade do sistema postal inglês, que, por sua vez, gerou lucros elevados. Essa foi a principal razão, mas não única, para que nos primeiros dez anos que se seguiram à circulação dos selos postais adesivos ingleses, a maioria dos países europeus (e suas respectivas colônias) adotassem o mesmo sistema. Corroboram com essa assertiva Almeida e Vasquez[6]:

> As mudanças nos serviços postais na Inglaterra estavam inseridas num contexto econômico e político mais amplo. Tornava-se estratégico para o Império [e assim fizeram vários países imperialistas] o controle do mercado nas colônias, e o sucesso das transações comerciais à distância dependia diretamente da eficiência nos serviços de troca de correspondências. As estreitas relações comerciais e políticas entre o Império brasileiro e o britânico, no período, favoreceram a absorção quase que imediata da novidade entre nós, antes mesmo que outras nações economicamente mais desenvolvidas adotassem tais medidas.

É relevante salientar que entre a emissão dos primeiros selos ingleses e a primeira série de selos brasileira existem registros de que uma Companhia privada

de correios nos Estados Unidos da América (*U. S. City Dispatch Post*) e o Cantão Suíço de Zurich, emitiram selos postais adesivos. Todavia, diz-se que eram para uso restrito, ou seja, não seriam utilizados para correspondências além das fronteiras. A Suíça destacou-se não apenas como promotora, mas principalmente como veneradora do tipo "escudo ou brasão", que ela inaugura com os selos do Cantão de Genebra, impressos em preto sobre verde, ainda em 1843. Esses selos, no valor de 5 cêntimos cada, destacavam o escudo e a divisa de Genebra, e isoladamente serviam para o porte local. Quando impressos dois a dois, formando um selo duplo no valor de 10 cêntimos, eram destinados ao porte cantonal.

Coube ainda à Suíça outro pioneirismo: o da impressão do primeiro selo do mundo em duas cores, preto e vermelho, o famoso *Pomba de Basiléia*, na cidade do mesmo nome, em 1845, de formato quadrangular e no valor de 2 ½ *rappen*, também do tipo "brasão".

Todos esses, a rigor, nas cores, no tipo e nos desenhos, serviram de base para as emissões gerais da Confederação de 1850, 1851 e 1852, num total de 13 selos.

Nas emissões seguintes: 1854/1862, 1862 (pela primeira vez o nome da Suíça aparece nos selos), 1881, 1882/1904, o tipo "escudo" aparece combinado com o de "efígie alegórica". O Brasil, primeiro país das Américas a instituir e a usar o selo postal adesivo, manteve-se fiel à "cifra" nos 23 anos iniciais de suas emissões, sendo desse tipo os *Olhos-de-Boi* (1843), os *Inclinados* (1844), os *Olhos-de-Cabra* (1850-1866) e os *Olhos-de-Gato* (1855/1866).

O *Olho-de-Boi* de 30 Réis deveria ter uma primeira impressão em torno de 6.000.000 unidades, porém, sua tiragem final foi de 1.148.994, com remessas para Porto Alegre (31/8), para a província do Espírito Santo (6/9), para São Paulo (14/9) e para Minas Gerais (25/9). O *Olho-de-Boi* de 60 Réis teve como tiragem final 1.502.142 selos e o de 90 Réis 349.182 selos. A Bahia foi a Província que recebeu o maior número de selos: 61.000 de 60 Réis; 24.000 de 30 Réis e 18.000 de 90

Réis. A segunda série de selos brasileiros foi emitida em 1º/7/1844, com 7 valores (todos na cor preta) e é conhecida pelo nome de *Inclinados*. Valores faciais: 10, 30, 60, 90, 180, 300 e 600 Réis. A terceira série foi emitida em 1849, com 8 selos ***Verticais*** ou ***Olhos-de-cabra***. Valores faciais: 10, 20, 30, 60, 90, 180, 300 e 600 Réis. A quarta série foi emitida entre 1º/7/1854 a 1861, com 4 selos ***Coloridos***, atualmente, também conhecidos como ***Olhos-de-gato***. Valores faciais: 10 (azul claro), 30 (azul claro), 280 (vermelho) e 430 Réis (amarelo) – esses dois últimos foram selos destinados à correspondência para a Europa. De 1866 a 1883, os *Barba Escura* (1866), *Barba Branca* (1876), *Auriverde* (1878), *Cabeça Pequena* (1881), *Cabeça Grande* (1882), são todos do tipo *efígie* do Imperador, com o nome do país e a indicação do padrão monetário vigente – réis – que não aparecem nas quatro primeiras emissões. Diversos países emitiram selos nas mesmas condições pictóricas como os apresentados. Por questão de espaço, os selos não serão mostrados, mas os nomes dos primeiros países serão listados, seguidos do ano de emissão do primeiro selo postal, para que se tenha uma idéia de como se ramificou pelo mundo: Estados Unidos da América (1845), Ilhas Maurício (1847), Bélgica e França (1849), Espanha (1850), Dinamarca (1851), Holanda (1852), Noruega (1855), Rússia (1858), Alemanha (1871), Bósnia (1879), México (1856), Peru (1858), Bahamas (1859), Antígua e Costa Rica (1862), Honduras e Bermuda (1856), Bolívia (1867) entre tantos outros.

A ação humana de registrar e comemorar: o surgimento do selo postal comemorativo.

A partir da circulação pelo mundo dessa minúscula peça de papel, os impérios e seus sistemas postais mantiveram seus regimes políticos instituídos, sintetizando o valor monárquico e a unidade nacional. Tudo isso representado simbolicamente, também, por meio desses novos artefatos iconográficos. A mensagem pode ser lida desta maneira: que um descendente, ou as futuras gerações, de qualquer lugar, metrópole ou colônia, respeitem as “tradições do passado”, para usar os termos de Hobsbawm. Mas, o que ninguém suspeitava é que revoluções iriam ocorrer em cadeia, fazendo brotar repúblicas, que mudariam as imagens impressas nos selos postais. Com as Repúblicas, a temática das imagens postais foi mudando paulatinamente. De início, predominariam alegorias, que transmitem o símbolo material do novo regime, por exemplo, a “coroa de louros”, símbolo universal da república, criado pela Revolução Francesa (a popular “Marianne”). Portanto, ora são objetos e produtos de riqueza nacional, ora surge o dinâmico “Mercúrio” (patrono do comércio) ou, então, são paisagens anunciando um novo alvorecer republicano. Associada a essa realidade social, estava o que vou chamar de “dialética do colecionismo postal”. Ou seja, iniciou-se um ciclo em que, de um lado, os colecionadores de selos postais procuravam as novas peças emitidas e, do outro, os correios emitiam cada vez mais

selos, visando, também, o consumo (o selo desprovido de sua função social). É nesse sentido que surgem as emissões de selos postais comemorativos. Um tipo específico que tem como característica principal ser um instrumento potencial de propaganda e comunicação, além de servir como lembrete do passado nacional, contribuindo para a continuidade ou ruptura da memória social.

O selo postal comemorativo resulta da necessidade de se comemorar um evento (acontecimento), uma data (jubileu), um lugar (paisagem) ou uma pessoa. Ao contrário da emissão denominada ordinária, mostrada anteriormente, a comemorativa tem tiragem limitada e o período de circulação e a validade fixados por antecipação. Destarte, deve estar impresso na face do selo o motivo de sua emissão, aspecto que o diferencia dos outros tipos. Não se sabe ao certo qual é e onde foi emitido o primeiro selo comemorativo do mundo, e isso parece um pouco fútil. Contudo, Almeida e Vasquez aludem a “um exemplar emitido na França, em 1863, trazendo a efígie coroada de louros de Napoleão III – referência às vitórias de Magenta e Solferino”[7]. Mencionam, também, “uma emissão do Peru, de 1871, trazendo uma locomotiva como tema e usado para serviços postais da recém-inaugurada estrada de ferro entre Lim-Callao-Chorilos”. De qualquer forma, o selo que realmente pode ser considerado comemorativo, pelo que foi exposto até então, é a emissão da Romênia, de 1891, aludindo aos 25 anos do reinado de Carlos I. Por sua vez, no Brasil, foram emitidos os selos que celebraram os 400 anos da chegada dos portugueses ao país. Trata-se da primeira emissão de selos comemorativos, lançada em 1º de janeiro de 1900, por sugestão da Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil. Dava-se início ao serviço de encomendas internacionais *colis-postaux*.

Série dos primeiros selos comemorativos brasileiros, emitidos em 1º/01/1990, comemorando o 4° Centenário do Descobrimento do Brasil.

A escolha dos temas a serem impressos se deu através de concurso público. Esses selos só circularam dentro do país, franqueando correspondências nacionais. A venda dos 400.000 exemplares emitidos ajudou nos custos das comemorações que ocorreram em todo país. As quatro imagens, de certo modo, celebravam justamente um sentimento que os republicanos queriam que o povo percebesse. Uma trajetória de liberdade no Brasil, refletida através de quatro eventos significativos. Percebe-se que a inscrição

do nome do país, naquela época, era Estados Unidos do Brasil. Todas as peças citam o período de 400 anos (1500-1900), além do nome do impressor das figuras (LITH. Paulo Robin & Pinho). Ademais, está inscrita a palavra "CORREIO", em cada peça.

1) O selo de 100 Réis. Primeiro momento da liberdade. Os nativos em terra, nus e armados com arco e lança flecha, presenciam a chegada das duas caravelas portuguesas. Tanto no céu como nas velas estão impressas a Cruz da Ordem de Cristo. Símbolos de uma civilização que vem resgatar os nativos da natureza.

2) O selo de 200 Réis. Segundo momento. O grito de Ipiranga dado por D. Pedro, que montado a cavalo, mais parece um cidadão qualquer daquela época e não um príncipe. Com a espada erguida, comanda seus soldados e cavalos, como se estivesse em marcha de ataque. Essa imagem contrasta em demasia com a famosa pintura de Pedro Américo, principalmente nos detalhes do relevo, da casa ao fundo e do vestuário. Percebem-se a inscrição *Independência ou morte* e *7 de setembro de 1822*.

3) O selo de 500 Réis. Terceiro momento. As datas "28 setembro 1871" e "13 maio 1888" aludem às duas leis que extinguiram "por completo" a escravidão no Brasil. O anjo libertador, que possui uma estrutura física maior que a das pessoas abaixo, traz na mão esquerda o fogo e, na direita, os grilhões quebrados de Prometeu. Sobrevoa o pedaço de terra onde jaz uma "família escrava", almejando a tão emancipada liberdade.

4) O selo de 700 Réis. Quarto momento. Para encerrar a trajetória da liberdade do país e das pessoas, a guardiã da ordem representada à luz de uma estrela, intocável, mas que remete aos princípios vitoriosos do 15 de novembro de 1889. Estátua da triunfal liberdade republicana, numa figura feminina, fincada em solo fértil. Percebe-se, nessa única peça, a impressão do Brasão de Armas do Brasil. Esse símbolo nacional foi sancionado pelo então Chefe do Governo Provisório, Marechal Deodoro da Fonseca.

Conclusão

O selo postal comemorativo é um artefato iconográfico de valor inestimável e permanente à memória social de uma entidade, de uma região geográfica, de uma ou várias pessoas, dos mitos e das identidades. A leitura crítica de cada imagem resulta na concepção de uma narrativa descritivo-analítica com enfoque num contexto histórico-social. Fato que contribui para a preservação, recuperação, análise, reflexão e disseminação da memória cultural, postal e documental. O conteúdo é particular, porque atesta a necessidade de se exercer uma cidadania apta a reverenciar, preservar e difundir sua memória. O selo postal é patrimônio cultural, porque versa oficialmente sobre a memória coletiva da nação. É também cultura patrimonial, conjunto das emissões de selos que complementa uma educação moral e cívica, além de contribuir para uma permanente memória social.

NOTAS:

1. HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 9.
2. *Ibid*, p. 289.
3. ALMEIDA, C. A. F. de; VASQUEZ, P. K. *Selos postais do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 2003. **p. 21.**
4. Disponível em: <http://www.upu.int>
5. Disponível em: < http://www.um.org>
6. ALMEIDA, C. A. F. de; VASQUEZ, P. K. *Selos postais do Brasil*. São Paulo: Metalivros, 2003. **p. 21**
7. *Ibid*, **p. 38.**

Mancolistas - um pouco de técnica

Lucia Milazzo - Florianópolis, SC

Um sujeito decide colecionar selos postais. Escolhe o tema de sua coleção. No princípio, o tal sujeito é apenas um “juntador de selos”. Tudo o que vê pela frente, “pega”, troca ou compra. Caixinhas vazias de bombons se enchem depressa. O “ajuntamento” alcança nível mais avançado e uma pesquisa mais apurada se faz necessária, pois o sujeito não pode se dar ao luxo de “achar” ou “não achar” que tem essa ou aquela peça.

Nesse momento é hora do sujeito preparar uma lista, catalogar o material faltante de sua coleção.

É hora de preparar uma mancolista. Mancolista ? Inútil procurar sua definição no dicionário Aurélio. Essa palavra pertence ao jargão filatélico e vem do francês, mais precisamente das palavras “manque” – falta, em português – e “liste” – lista, relação, em português. Por aglutinação, surgiu o termo “mancoliste”, também inexistente em dicionários franceses. Em português, mancoliste virou mancolista.

Assim, “mancolista” é a palavra usada por um colecionador de selos para designar a lista de selos postais que faltam em sua coleção e, que ele, colecionador, deseja obter.

Então, o sujeito resolve montar sua “mancolista”. Mas como prepará-la?

Na verdade, não há regras estabelecidas para se fazer um mancolista , entretanto, aqui estão alguns conselhos despretensiosos que podem ser úteis:

O colecionador deve fazer duas mancolistas: uma, mais detalhada, direcionada às pessoas que possam ajudar na procura dos selos faltantes, isto é, direcionada a comerciantes, correspondentes, bolsa de trocas, grupos de troca; a outra, mais simples, é pessoal, ou seja, destina-se ao próprio colecionador;

Quanto à mancolista para os correspondentes:

- Ela deve ser preparada tendo por base um catálogo. O catálogo serve para indicar os números de classificação dos selos faltantes;
- Ela deve trazer o nome do catálogo utilizado;
- Ela deve ser limitada. Indicar somente os selos faltantes mais importantes para o bom desenvolvimento da coleção (longas mancolistas desencorajam os correspondentes);
- Ela deve trazer: o país emissor do selo faltante, o número do selo e sua descrição, como exemplos, seu valor facial, cotação, denteação, siglas...
- Ela deve precisar se a preferência do colecionador é por selo novo ou obliterado;

- Ela deve mencionar, no caso do selo faltante ser recente, que se trata de uma novidade.

Exemplo:

Mancolista - Tema: Girafas

Procuro selos novos, sem charneira. Catálogo utilizado: Yvert et Tellier

País	Número de Catálogo	Novo (Euros)	Usado (Euros)	Descrição
Camarões	Y-47 – aéreo	7,00	3,00	100F Girafa na savana
Nigéria	Y-449 a 454 6 valores	15,00	7,00	Valor facial da girafa: 40F. Sigla: WWF
Nigéria	Y-103 e 104 Série 14 valores (Y-96 a 108)	30,00	14,00	Valor facial: Y-103 – 50F Y-104 – 60F
Japão	Y-2605 Série 10 valores (Y-2605 a 2614)	25,00		Valor facial: 80 Yens Cabeças de girafa desenhadas. Novidade 1999.

Observações:

- Não esquecer de citar se o selo é aéreo.
- Mesmo que a série completa não interesse ao filatelista, é preciso indicá-la, pois os selos são normalmente encontrados por séries.
- As cotações de catálogo não são indispensáveis.
- Na descrição, indicar detalhes: siglas (exemplo: WWF), taxas, sobretaxas, etc.
- Quando o selo é recente, mencionar que se trata de “novidade”.

Quanto à mancolista pessoal:

- Ela deve ter por base a classificação dos catálogos;
- Ela deve trazer o nome do catálogo utilizado;
- Ela não se limita às peças importantes. Dela fazem parte, todos os selos e documentos filatélicos, mesmo os de menor importância ou os mais raros, que o colecionador julgue em relação com o tema escolhido;
- Além dos catálogos mundiais, é desejável a referência a catálogos específicos, do tipo Domfil, como exemplo;
- Ela deve trazer: o país emissor do selo faltante, o número do selo, bem como sua descrição e se a preferência é por selo novo ou usado;
- Ela deve conter o número de todos os selos da série, mesmo se a série completa não for de interesse do filatelista, uma vez que, geralmente, os selos se vendem por série completa;

- Ela deve conter o máximo de informações possível;
- Ela deve estar com o colecionador em todos os momentos de compra e troca. Isso evita aquisição de peças duplas.

Exemplo:

Mancolista PESSOAL - Catálogo utilizado: Yvert et Tellier

País	Número de Catálogo	Descrição	Novo	Usado
Burundi	Y-852 Série de 13 valores (Y-851 a 863)	3F. Série "Animais selvagens"		X
Burundi	Y-865 Série de 13 valores (Y-864 a 876)	Mesma série com sobrecarga . Símbolo cor de prata "WWF".		
Camarões	Y-47 – aéreo	100F Girafa na savana		
França	Y-3333	3F. Girafa reticulada	X	X
Japão	Y-2605 – 80 Yens Série de 10 valores (Y-2605 a 2614)	Cabeças de girafa desenhadas.		
Nigéria	Y-449 a 454 6 valores	Valor facial da girafa: 40F. Sigla: WWF	X	
Nigéria	Y-103 e 104 Série de 14 valores (Y-96 a 108)	Valor facial: Y-103 – 50F Y-104 – 60F		

Observações:

- Cada vez que uma nova peça entra na coleção, o colecionador deve indicar a aquisição, assinalando "novo" ou "usado".
- Mesmo que o colecionador não pretenda comprar imediatamente uma série cara, ele deve mantê-la na lista (peça Y-865 do Burundi, no exemplo).
- No exemplo, o colecionador possui a peça Y-3333 da França (novo e usado). No entanto, ela ainda aparece na lista. Isso porque a mancolista tem uma segunda função: evita compra de duplicatas desnecessárias.

Lembramos que o computador é grande aliado dos filatelistas, pois permite a criação de um banco de dados e, com algumas manobras, a classificação automática, por ordem alfabética de países, a supressão ou acréscimo de informações, evitando rasuras e incentivando a constante atualização da lista.

Sem dúvida, as mancolistas ajudam a avançar mais rapidamente, com segurança, na montagem de uma coleção.

Fonte: ATOUT TIMBRES nº 44, 2000 - Yvert et Tellier, França.

A **AFSC** convida para as suas reuniões regulares:

Quintas-feiras, a partir das 18 horas
Sábados, a partir das 14 horas

Nossa Sede permanece aberta de segunda a sexta-feira, das 14 às 19 horas.

Conheça nosso site e participe:

Exposição virtual permanente:
FILATELIA UM QUADRO

Exposição virtual permanente:
CARTOFILIA

www.afsc.org.br

Temos interesse em adquirir:

Moedas anômalas (boné, defeito de cunho ou disco).

Material filatélico referente a:
- Mergulho submarino;
- Naufrágios;
- Conchas marinhas;
- Carimbos da cidade de Igaratá - SP (anteriores a 05/12/1969);
- Carimbos da cidade de Conchas - SP (da década de 40 ou anterior).

Celso e Daniela Suzuki

Cx. Postal 20.432 - Kobrasol
CEP 88102-970 - São José, SC
suzuki@floripa.com.br

Para anunciar no boletim
Santa Catarina Filatélica:

Página inteira:	R$ 60,00
Meia página:	R$ 40,00
Terço de página:	R$ 30,00
Quarto de página:	R$ 20,00

Próxima edição:
agosto/2009

O Colecionismo depende de todos nós.

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim Santa Catarina Filatélica. Anualmente, realiza, segundo uma programação estabelecida em conjunto com as demais Associações do Estado de Santa Catarina, o seu tradicional Encontro de Colecionadores.

Todas as publicações e convites para realizações da AFSC são enviados aos sócios, Clubes e Associações congêneres. Há também uma biblioteca especializada à disposição dos associados na Sede da AFSC.

Para suporte aos dispêndios decorrentes das atividades referidas, a AFSC depende principalmente da arrecadação das anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias:

Efetivos - residentes na Grande Florianópolis com idade a partir de 18 anos .... R$60,00

Juvenis - residentes na Grande Florianópolis com idade inferior a 18 anos .... R$10,00

Correspondentes no Brasil - residentes fora da grande Florianópolis .... R$20,00

Correspondentes no Exterior - residentes em outros países .... US$ 35,00

Associe-se. Remeta à Associação a ficha da página 34, devidamente preenchida, acompanhada de cheque nominal à AFSC, ou de cópia do recibo de depósito na conta de Poupança 5.049.097-4, agência 055, banco 027 - Banco do Estado de Santa Catarina - BESC.

Ao pagar a anuidade, você terá direito também a um anúncio de texto, gratuito, no site:

www.afsc.org.br

ÍNDICE DE ANUNCIANTES rdem alfabética)

Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina
Fundada em 6 de Agosto de 1938
Fone/Fax (48) 3222-2748 – Caixa Postal 229
CEP 88010-970 – Florianópolis – SC
www.afsc.org.br

INSCRIÇÃO / ATUALIZAÇÃO DE ASSOCIADO

Nome: ____

Endereço ou Cx. Postal: ________________________________

CEP: __________ Cidade: ____________________ Estado: ________

Telefone: ____________ Profissão: ___________________________

Sexo: ___________ Data de nascimento: ________________________

E-mail: ____

COLECÕES / TEMAS DE SEU INTERESSE:

____

____

____

____

____

☐ Sócio Efetivo ☐ Juvenil ☐ Corresp. Brasil ☐ Corresp. Exterior

Data: ____________ Assinatura: ____________________________